

# Municipalistas lançarão campanha pela Constituinte

Reportagem Local

Lembrando a frase de Dom Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias (RJ), segundo a qual "quem fizer a Constituinte será dono do Brasil", Quércia contou que nessa campanha serão mobilizados os vereadores, vice-prefeitos e prefeitos de todo o País, para que trabalhem pela Constituinte em suas "zonas de influência".

Na sua opinião, o debate pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte ainda está muito elitizado e "deve ser levado para o interior, para as periferias". Para isso, a Frente Municipalista pretende discutir todos os assuntos com a população, especialmente os problemas dos Municípios. Para ele, as cidades devem ter mais recursos e maior responsabilidade, como a ordenação da saúde pública e ensino até o 1º grau.

Após definir a campanha a nível nacional, as coordenações estaduais da Frente Municipalista vão montar os esquemas regionais. Quércia pretende participar de debates e seminários em todos os Estados. Ele informou que ainda não recebeu convite da OAB-SP para um trabalho conjunto. Mas, ressaltou que "se a Frente for chamada, atuará ao lado de outras entidades na luta pela Constituinte". Enquanto isto não acontece, a Frente dos Bairros está preparando uma campanha a ser desencadeada na periferia de São Paulo, com debates, seminários, revistas em quadrinhos e até peças de teatro.



Orestes Quércia coordenará a campanha da Frente Municipalista pela Constituinte

Uma ampla campanha a nível nacional, pelas diretas e Constituinte, será lançada em março próximo em Fortaleza, pela Frente Municipalista, coordenada pelo vice-governador de São Paulo, Orestes Quércia, 46. Segundo ele, a idéia "é promover um amplo debate sobre os dois temas, para que o cidadão que mora no Interior da Amazônia ou do Piauí saiba o que significa uma nova Constituição para o País e continue reivindicando o restabelecimento das eleições diretas para a Presidência da República."

No próximo domingo, às 10 horas, na sede da Frente Municipalista, o vice-governador paulista reúne-se com lideranças políticas de outros Estados (aproximadamente 80 pessoas) para discutir a estratégia da campanha.

Quércia afirmou que, a princípio, "a campanha será didática, com apoio gratuito de agências de publicidade. Serão criados jingles para rádio e televisão, out-doors e promovidos seminários e debates em clubes de mães, sociedades amigos de bairro, no interior dos Estados e também na periferia das grandes metrópoles."

## Brossard quer reordenamento sem pressa

Reportagem Local

"Se a Assembléia Nacional Constituinte dependesse de mim, teria encerrado seus trabalhos ontem", disse ontem, após ter almoçado com o governador Franco Montoro, no Palácio dos Bandeirantes, o ex-senador Paulo Brossard (PMDB-RS), evidenciando a sua crença de que "o Brasil é um País importante demais para continuar a viver em regime anárquico e o caos institucional".

Contudo, ressaltou que não deve haver precipitação no reordenamento institucional do País, convencido de que há tempo até 1986 para que a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte ocorra de forma segura, sem que a Nação tenha a ilusão "de que é milagrosa".

"Ela será constituída por seres humanos, com defeitos e virtudes, alguns sábios e outros não muito, representativa de toda a sociedade, não se devendo esperar dela aquilo que ela não pode dar", resguardan-

do-se, porém, a decisão de levá-la a resolver problemas "que alguns povos já resolveram há 200 anos", e que o levaram a ficar "encabulado e humilhado".

Para o ex-senador, a nova Constituição não deve ser tal qual "uma lista telefônica", pois regerá as relações do Estado com a Nação de forma que a democracia não seja apenas uma palavra e sua prática uma ficção.

### Expectativas

Sobre o novo governo, Paulo Brossard disse não esperar "milagre", por já estar cansado de "milagres", embora guarde grandes e otimistas expectativas, "como todo mundo", lembrando que em seu discurso à frente do plenário da Câmara dos Deputados, imediatamente após ter sido anunciada a sua vitória no Colégio Eleitoral, o presidente eleito Tancredo Neves afirmou que a reorganização institucional seria o primeiro dentre os muitos problemas que deverá equacionar.

Ele não negou que tenha conversado com o governador Franco Montoro sobre o ministério de Tancredo Neves, mas fez questão de esclarecer que o assunto se situou entre generalidades, uma vez que convesaram "sobre tudo em geral e nada em particular, sobre os assuntos que estão por aí, na ordem do dia, sobre coisas acontecidas e que estão por acontecer".

Sobre sua eventual ida para o Ministério da Justiça, comentada em alguns jornais, disse tratar-se "de pura especulação, aliás, muito saudável, pois mostra o interesse da sociedade na constituição do governo Tancredo e o assunto não fica, como nos últimos tempos, restrito àqueles que participavam das glórias e delícias do poder, ao partido oficial ou a um grupo de tecnocratas, que tinham o privilégio do patriotismo".

Num comentário jocoso, lembrou que muitas vezes o governo era obrigado a divulgar o "currículum

vitae" de um novo ministro, por ser absolutamente estranho à sociedade, para que a Nação soubesse nas mãos de quem se colocaria dali por diante.

"Hoje é diferente. As especulações podem não ter fundamento, mas o fato é que há participação. Isso revela uma diferença, a mudança que todos esperávamos".

### Acompanhantes

Após a entrevista, Paulo Brossard foi recebido pelo secretário de Governo, Roberto Gusmão, fazendo-se acompanhar pelo ex-ministro da Agricultura do governo Jango Goulart e atual deputado federal Osvaldo Lima Filho (PMDB-PE), um dos nomes muito citados dentre os ministérios (comenta-se que poderia retornar ao Ministério da Agricultura), pelo ex-deputado federal Márcio Moreira Alves (MDB-RJ), cassado por ter feito um discurso no plenário da Câmara dos Deputados, considerado ofensivo às Forças Armadas, em 1968. Ambos também almoçaram com o governador.

## Estrutura atual da TV é um entrave à redemocratização

CLÁUDIO ABRAMO

Da equipe de analistas da Folha

O constitucionalista Afonso Arinos de Mello Franco, velho "habitué" da República, tem uma Constituição preparada, pronta, cozinhada, redigida com a elegância característica dessa ilustre figura de nosso meio político e social. O professor Miguel Reale, porventura mais consistente na defesa de certos pontos de vista, consultado, entre os dias 15 e 27 de novembro, quando deveria desencadear-se uma operação, com núcleo em Brasília, para alterar o curso (de maneira decisiva, diga-se) da sucessão presidencial, respondeu então aos que lhe pediam um "jeito" constitucional de arrumar as coisas, depois de desarrumadas, que essa fórmula não existia. A dura realidade, para os inconformados, era ir para casa. Mas o prof. Miguel Reale deve ter ele também algum esboço de Constituição, já que se preocupa com a legalidade dos regimes e a legalização dos Estados.

### Revisões e remendos

Como Afonso Arinos e Miguel Reale, muitos brasileiros ilustres, pertencentes uns à elite dominante, outros aos setores mais compassivos da população, devem ter preparadas, em esboço ou em projeto, a sua constituição própria. Governadores de Estado, partidos políticos, meio de comunicação, estamentos civis ou militares, todos devem fazer, cada qual à sua maneira, uma idéia de como gostaria de ver o ordenado nosso País.

Tanto desvelo e tanta atenção merece uma análise mais profunda: durante quase vinte anos tivemos uma Constituição, alterada, revista, revisitada e remendada, que funcionou para exclusivo benefício do grupo dominante, que, de intérprete da vontade da maioria conservadora, se transformou em arauto de si próprio e exclusivo senhor das decisões. Exclusivo senhor das decisões, mas de ouvidos ligados ao mundo exterior, onde a dívida externa se acumulava.

### Clareza e simplicidade

Mas a Constituição que os brasileiros querem — e não apenas querem,

como precisam — será uma Constituição que reflita com clareza, economia de palavras e singeleza de expressões, o que é o Brasil e o que ele deve vir a ser. O segredo da Constituição Americana de Thomas Jefferson é que ela era simples, direta e abrangente. Ela refletia fielmente os anseios e as necessidades daquele momento e daquela população. A Constituição soviética dos anos 30 foi porventura a mais audaciosa, livre e complacente das constituições já redigidas — embora nunca tenha sido aplicada, pois sua aprovação coincidiu com a ascensão irresistível de Stálin ao poder absoluto. São dois extremos opostos.

A Constituição brasileira a ser preparada pelos legisladores eleitos em 86 deverá forçosamente conter as características da Constituição Americana, sem as particularidades próprias àquela sociedade (estávamos no século 18) e sem as especificidades próprias de uma nação que se forjava em torno de um forte espírito protestante.

### Propaganda e liberdade

Não é contudo o que se desenha no horizonte. Acredita-se geralmente que o sr. Tancredo Neves elimine, nos primeiros meses de seu mandato, as intoleráveis restrições que impedem até hoje a livre vocalidade das opiniões e das doutrinas e a livre manifestação de todos os brasileiros. A lista desses constrangimentos é longa — mas conhecida.

Um dos instrumentos modernos de propaganda das idéias é precisamente a televisão, segura em mãos de alguns proprietários que trabalham por concessão do governo. Em torno desses "networks" se formam opiniões e se sedimentam correntes de pressão política. É por essa razão que uma das primeiras providências a ser tomada, com a devida coragem, pelo presidente eleito é o Conselho de Comunicações, por ele prometido, e que deve ser constituído não de fâmulos e cordatos, leigos e amadores, mas sim de profissionais das comunicações, professores universitários, sociólogos e especialistas em comunicações de massa.

A democratização, no Brasil, País onde não se lê, começa pela democratização da televisão.